

MEMÓRIA E SABERES TRADICIONAIS QUILOMBOLAS NO NORDESTE PARAENSE

Raimundo Erundino Santos DINIZ

DINIZ, Raimundo Erundino Santos. **Memórias e Saberes Tradicionais Quilombolas no Nordeste Paraense**. Projeto de investigação científica do Curso de História – Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA), Belém, PA, 2013.

O projeto em tela insere-se na temática História e Cultura Afro-Brasileira no Pará. Teve como objetivo destacar a importância dos saberes tradicionais quilombolas no debate sobre as questões socioambientais na história da Amazônia, com a proposta de contribuir com a elaboração de ações interdisciplinares com foco na lei 11. 645/08. Assim, procurou evidenciar que a imagem do grupo quilombola influencia diretamente na identidade de cada indivíduo que o compõe, considerando que o não reconhecimento ou a generalização de práticas culturais podem influir negativamente, vindo a causar o sentimento de inferioridade entre seus integrantes. Investigar o

universo dos saberes em territórios quilombolas representa repertoriar análises condizentes a história da Amazônia; problematizar questões socioambientais; contribuir com a produção de conhecimento no ambiente acadêmico; despertando olhares outros para temas e pesquisas com foco à interdisciplinaridade; e sugestionar dimensões pouco pensadas sobre a questão da diversidade étnica na Amazônia à luz dos saberes tradicionais. Reconhece-se, assim, a importância deste trabalho pelo fato de o conhecimento praticado por negros e negras na história da Amazônia em distintas temporalidades apresentar um vasto repertório a ser pesquisado no processo de ocupação e domínio de ambientes diversos na região e, de forma particular, no que hoje compreende a região nordeste do Estado do Pará. A investigação reflete os grupos étnicos que compõem a variação multicultural quilombola brasileira, em específico os grupos existentes no Estado do Pará. Viu-se a possibilidade em deslocar o debate historiográfico circundante à história de negros e negras do universo da escravidão para outras análises relacionadas à “História e natureza” ou “História ambiental”. As observações sistemáticas, a troca de informações e a experimentação consubstanciaram técnicas de manejo presenciadas em

várias atividades no território e experimentadas no ambiente doméstico e quintais ou terreiros pertencentes e hoje configurados como territórios quilombolas. Os conhecimentos tradicionais e domínios no tempo presente concebidos como técnicas agroecológicas passaram despercebidos nos registros oficiais e encontram-se arraigados na memória e reproduzido nas modalidades de interação com o ambiente em diversas comunidades quilombolas. O conhecimento produzido no manejo das ervas pelos grupos étnicos na Amazônia sinaliza um contínuo exercício de observação, aprendizagem e experimentação desenvolvidas por séculos em função da necessidade em sobreviver em um ambiente predominantemente natural. Das ervas se utilizam os talos, raízes, seivas, óleos e sucos ou folhas, em especial, com destinações variadas, dentre os quais, lesões e inflamações, regulação do sistema digestivo, dores e febre. As pesquisas têm apontado que o conhecimento sobre as ervas medicinais constitui outra modalidade de domínio em que as mulheres se destacam, no que se refere à identificação como ao manejo e remediação. A reprodução desse conhecimento entre os grupos étnicos ocorre a partir de uma aprendizagem pautada no conhecimento prático e

intergeracional fundamentado na oralidade. Coloca-se a etnicidade como fator importante de agregação no processo de territorialização e continuidade do grupo. Em suas atividades cotidianas elegem as técnicas, equipamentos e estratégias de captura, conforme a coloração e profundidade dos rios e igarapés, frequência e classificação das espécies, quanto ao tamanho, cor, quantidade, comportamento e morfologia. Essas especificações sofrem alterações conforme o calendário do verão ou inverno, permitindo às famílias estabelecerem regras e normas para a captura, assim como planejar e adequar suas necessidades ao uso do território estabelecendo ritmos e combinações alternados em diferentes ecossistemas. A metodologia empregada foi a utilização de registros imagéticos captados por meio da fotografia como recurso que permite uma aproximação de parte da realidade ao se considerar que estão em jogo os critérios de seleção, a responsabilidade do registrador, e o interesse e contexto em que são feitos. Nas imagens estão embutidos os valores sociais concretos e simbólicos que reproduzem uma realidade às vezes destoante da que está sendo “capturada”. Entrevistas serviram de ferramenta para abstrair análises etnográficas que estão para além das

narrativas. Outra ferramenta importante no usada no desenvolvimento deste trabalho foi o georeferenciamento dos territórios com o uso do GPS para auxiliar elaboração de etnomapas contextualizados a partir das contribuições dos quilombolas na construção de “croquis”. Essa técnica de leitura do território se enquadra na *cartografia de esboço* e nos chamados *mapas participativos* como aportes metodológicos que aqui foram utilizados de forma adaptada. Por meio de pequenas reuniões, observações feitas no território e levantamento de dados ao longo das entrevistas, configuraram-se desenhos em que foram selecionados os pontos importantes registrados no território, considerando-se que a definição dos dados sempre deve seguir as indicações dos agentes sociais que passam a recuperar parte das referências históricas relacionadas aos locais de uso e manejo do território que foram sendo modificadas ao longo do processo de construção de suas territorialidades. A investigação realizada em livros e artigos possibilitou o conhecimento a respeito de comunidades quilombolas, sua formação historiográfica, a influência da cultura na formação da identidade individual e a contribuição que cada um dá à comunidade. Grupos de quilombolas são formados por pessoas que fogem de um sistema opressor, buscando se

refugiar em centros, carregando consigo suas lembranças, costumes, que, ao entrarem em contato com outras, acabam por se entrelaçar em uma teia que irá servir como sustentáculo para a identificação e união da comunidade. Percebeu-se a presença de visitantes nas comunidades. Alguns são indígenas que estão apenas como hóspedes, outros foram desempenhar algum trabalho. Existe também a presença de novos integrantes que se dizem ex-indígenas por terem se identificado com o grupo quilombola. Esse caso demonstra que o grupo é mutável, pela presença de novos integrantes e é multicultural, por ter entre seus integrantes membros que já pertenceram ou ainda têm laços fortes de cultura e identidade com outros grupos. Com as visitas feitas a algumas comunidades quilombolas do Nordeste do Pará (Itacoã-Miri em Acará, África e Laranjituba em Moju, Itaboca em Inhagapi e Pitimandeuca em Inhagapi), conseguiu-se compreender questões referentes à manutenção e ao reavivamento do conhecimento tradicional e do saber venatório repassados dentro da comunidade, levando em consideração que as práticas culturais contribuem na formação da memória -- coletiva ou individual --, nos costumes e tradições existentes na comunidade e na sua própria trajetória histórica. Para fortalecer o

reconhecimento por parte da sociedade e do Estado (poder público), nota-se a crescente formação e união das comunidades tradicionais na luta pelo pleno exercício de direitos individuais e coletivos, de igualdade e liberdade dos cidadãos sem considerar gênero, etnia ou religião, direito esse que está previsto na constituição federal de 1988, mas para ser colocado em prática muitas lutas sociais foram e são travadas cotidianamente por pessoas envolvidas direta ou indiretamente na causa. Pôde-se perceber o quanto a memória e as práticas culturais têm uma relação intrínseca, pois em cada comunidade acabam exercendo papel importante na afirmação da identidade étnica, cultural e social. O poder público demonstra relativa falta de conhecimento sobre esses grupos, não consegue compreender a necessidade das comunidades como distintas umas das outras. As diferentes estruturas físicas se notam pela presença de postos de saúde, escolas, creches, transporte coletivo, entre outros itens, que teoricamente seriam indispensáveis, em alguns locais e em outros não. A maior parte das comunidades em que os integrantes se identificam com o grupo contém melhor infraestrutura, mas, em contrapartida, as que não estão com o mesmo grau de ligação entre seus membros são as em

que, na maioria dos casos, faltam escolas para nível médio, fundamental e creches, em outras não existem unidades de saúde e o transporte coletivo inexistente ou é precário. São necessários mais estudos participativos por parte da academia, que, no momento, parece ser, juntamente com os movimentos sociais, a grande esperança do reconhecimento dos direitos violados dessas comunidades e da busca de novas estratégias de gestão e formulação de projetos efetivos às especificidades de cada quilombo, contribuindo para futuros debates antropológicos de caráter acadêmico ou não.

Palavras-chave: Memórias e Saberes Tradicionais. Quilombolas no Nordeste Paraense. História e Cultura Afro-Brasileira.